

Os desafios do docente na inclusão do aluno deficiente

N. P. S. FARIAS

Docente da Faculdade Sequencial e da Universidade Paulista.
Psicóloga, Especialista em Docência do Ensino Superior, Universidade Paulista, Área de Educação, São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: psicologanarjara@hotmail.com

COMO CITAR O ARTIGO:

FARIAS, N. P. S. Os desafios do docente na inclusão do aluno deficiente.
URL:[www.italo.com.br/portal/cepep/revista eletrônica. html](http://www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html). São Paulo SP, v. 8, n. 1, p. 156-169, jan/2018

RESUMO

O artigo traz o objetivo de demonstrar os desafios encontrados pelos docentes na formação dos alunos que tem deficiências. Sabe-se que muitos obstáculos são encontrados particularmente sobre os princípios da inclusão para que atenda as especificidades de cada um. Acredita-se que à medida que as pessoas envolvidas nesse processo recebam um assessoramento contínuo certamente serão minimizados em parte a problemática encontrada no processo de inclusão. Por fim, acredita-se que para a inclusão realmente ocorrer é indispensável uma mudança nas formas de pensar, nas práticas e na organização do ensino, para com isso garantir o acesso de todos os alunos na escola, sua aprendizagem e permanência.

Palavras-chave: docência, alunos com deficiência, inclusão educacional

ABSTRACT

The article aims to demonstrate The purpose of the study was to demonstrate the challenges faced by teachers in the training of students with disabilities. It is known that many obstacles are found particularly on the principles of inclusion to meet the specificities of each. It is believed that as the people involved in this process receive continuous advice, the problems encountered in the inclusion process will be partially minimized. Finally, it is believed that for inclusion to occur, a change in the way of thinking, practices and organization of education is indispensable, in order to guarantee the access of all students to school, their learning and permanence.

Key words: teaching, students with disabilities, educational inclusion

1 O aluno com deficiência

“De perto ninguém é normal.” Será?

Tudo depende, depende do que se julga como padrões de normalidade, de qual visão que a sociedade prega sobre os critérios para o que considera normal, Caetano Veloso quando canta a canção Vaca Profana, diz que “De perto ninguém é normal”, sabe-se que muita gente usa essa frase no sentido de que na intimidade vemos as imperfeições do outro, seus medos, mas vendo por outra ótica a frase pode ser interpretada também como se fosse um amadurecimento, um crescimento da pessoa, julgando quem é careta, e ou preconceituoso, pois quando o autor pede igualdade para todos, mencionando o “leite bom” é uma compaixão, para si mesmo e para os outros.

Talvez você esteja se perguntando por que esse artigo que fala sobre o desafio do docente na inclusão do aluno deficiente, inicia citando a canção Vaca profana, essa analogia, aqui se faz necessário, pois o propósito do artigo é o de demonstrar os diversos desafios encontrados pelo docente, na inclusão do aluno deficiente e sala de aula, e também que apesar dos avanços, infelizmente a sociedade como um todo ainda considera a pessoa com deficiência “anormal” isso porque a própria definição da palavra deficiência, segundo o dicionário é; “o termo usado para definir a ausência ou a disfunção de uma estrutura psíquica, fisiológica ou anatômica”, a pessoa com deficiência, sempre foi considerada como alguém fora dos padrões normais.

Infelizmente ainda é comum ouvir algumas pessoas leigas chamarem o deficiente de “debiloide”, o que soa como preconceito e discriminação com os alunos considerados com diferentes. Podemos ver que até hoje

existem algumas pessoas compartilham da ideia que tudo que é igual deve permanecer com os iguais, e os diferentes com os diferentes.

Segundo Moussatché nas sociedades primitivas os deficientes eram condenados à morte. Na Europa medieval, ora eram considerados enviados do divino, ora como obras do demônio. Já no fim da Idade Média os deficientes foram livrados do assassinato, mas se tornaram culpados pela própria deficiência.

Pessoti (1984) lembra que no período anterior a era cristã os deficientes eram considerados como “coisas” e não como pessoas, sendo negligenciados, maltratados e até eliminados.

Falar de alunos com deficiências é lembrar que no momento de inclusão educacional, além da educação contribuir para eternizar valores, ela é um processo, e nesse processo, existe o encontro com o incerto, surge o novo e tudo que é novidade em algumas situações causa insegurança.

O aluno com deficiência, não diferentes dos demais, chegam à sala de aula com seus desejos, medos e ansiedade, neste sentido é importante ter clareza que os discentes utilizam estratégias e estilos de aprendizagem que devem ser levados em consideração no planejamento das aulas.

A experiência de aprendizagem colocará o discente em interação com o conhecimento, este movimento fará com que ele saia de uma situação inicial e alcança outra situação que é provisória e mutável, ele faz a transposição didática, transformando conhecimento em ação.

É válido ressaltar que quando lidamos com um aluno deficiente, não lidamos apenas com o aluno, e sim com a família, que na maioria das vezes essa família tem um medo maior que o próprio aluno, transmitindo expectativa ou frustrações que nem sempre vai ao encontro com a

realidade vivenciada no ambiente escolar, tal influencia da família pode atrapalhar no desenvolvimento do aluno.

Em alguns casos é compreensível à postura dos familiares, afinal o aluno sempre conviveu no ambiente familiar, com total proteção de todos e de repente a família o vê “independente” numa sala de aula onde se faz necessário a inclusão e autonomia, isso pode causar um estranhamento para a família.

Precisamos tomar um cuidado muito grande e nos atentar ao lidar com esse discente para não evidenciar e valorizar mais a deficiência do que o ser humano que tem “por trás”, ser humano esse que tem um potencial, competências e habilidades que contribuirá muito para o desenvolvimento do docente e demais discentes.

O aluno precisa ter a confiança e sentir que a escola é um ambiente agradável, confortável e prazeroso, onde tenham condições de aprender, superando os seus medos e desafios.

2- Educação inclusiva

Apenas receber o aluno com deficiência na sala de aula não significa inclusão. Por educação inclusiva se entende o processo de inclusão dos educandos com deficiência e ou com distúrbios de aprendizagem na rede comum de ensino em todos os seus graus, proporcionando um ambiente facilitador para o desenvolvimento do aluno. Existe a necessidade do preparo do docente para conhecer o tipo de deficiência e a história de vida do aluno, qual a relação com seus familiares, este é o contexto considerado inclusivo.

Atualmente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (inicialmente 4.024/61, hoje revogada), a inclusão dos educandos com deficiência torna-se obrigatório na rede comum de ensino em todos os seus graus. As redes de ensino públicas ou particulares são proibidas de recusar qualquer tipo de matrícula, se isso ocorrer, ou seja, negar-se a matriculá-lo pode configurar crime.

Falar de educação inclusiva é se deparar com o rompimento dos paradigmas que até hoje ainda sustentam o conservadorismo de algumas escolas, universidades e instituições de ensino como um todo.

De acordo com Sasaki, “é um processo que contribui para um novo tipo de sociedade através de transformações, nos ambientes físicos (...) e na mentalidade de todas as pessoas” (2010, p. 40).

Já para Aranha (2002), inclusão significa afiliação, combinação, compreensão, envolvimento, continência, circunvizinhança, ou seja, inclusão significa convidar aqueles que (de alguma forma) têm esperado para entrar e pedir-lhes para ajudar a desenhar novos sistemas que encorajem todas as pessoas a participar da completude de suas capacidades como companheiros e como membros, ou seja, incluir aquele que de alguma forma teve seus direitos perdidos ou por algum motivo não os exercem.

Para Schwarz “A inclusão de deficientes é muito recente, se comparado à trajetória secular de exclusão no nosso país e no mundo. No auge da civilização grega, os bebês que nasciam com uma deficiência eram sacrificados. Platão, em A República, e Aristóteles, em As Políticas recomendavam a eliminação das pessoas nascidas “disformes” nas lições de planejamento das cidades gregas.”.

Baseado no fato que a política nacional de educação especial determina que todos os alunos com necessidades educacionais

especiais sejam matriculados em turmas regulares, o docente em que levar em consideração para construir estratégias de ensino e adaptar atividades e conteúdos não só para os alunos deficientes, mas para todos os discentes de sua classe.

O aluno com deficiência ao chegar ao ambiente escolar ainda encontra alguns obstáculos aos acessos internos ou externos existentes, como escadas sem corrimão, ausência de rampas de acesso para cadeirante, pouca iluminação, ausência de sinalização tátil no chão, anfiteatros e ginásios sem vagas ou espaços nos corredores entre as poltronas.

Para Castro, barreiras arquitetônicas têm sido definidas como obstáculos construídos no meio urbano ou nos edifícios, que impedem ou dificultam a livre circulação das pessoas que sofrem de alguma incapacidade transitória ou permanente.

É de suma importância adaptar o ambiente escolar, que deve atuar frente às estes discentes, ampliando seu potencial e sua capacidade funcional tanto motora, a parte cognitiva, a comunicação, bem como o comportamento, social e emocional, com foco promover maior qualidade de vida para os alunos. O ambiente escolar precisa ser reinventado, sendo necessárias adaptações arquitetônicas, como por exemplo, rampas de acesso, elevadores entre outras demandas que atendam toda a diversidade.

Para se ter uma inclusão educacional é importante perceber que os alunos podem sim aprender juntos, embora vale lembrar que os objetivos e processos são diferentes.

A educação inclusiva, quando bem instrumentalizada faz com que a convivência dos alunos com necessidades especiais com os demais alunos da escola inclusiva cada vez mais ganhará espaço, a tendência é

que esses alunos vão progredir, superando os desafios criados pelos problemas da conjuntura vivenciada na escola.

3- Os desafios do docente na inclusão do aluno deficiente

A docência por si só já é um grande desafio na vida do profissional que a escolhe ou acaba sendo escolhido. Nessa vivência da docência, a relação com o aluno é sempre uma questão central.

Por conta dessa questão, isso faz com que estejamos preocupados em saber muitas coisas sobre o aluno, como por exemplo: o que pensa, de que ele gosta como pode ser agradado, seduzido, emocionado, enfim, como pode ser educado para desenvolve-se e conviver com seus demais colegas de sala.

Um dos grandes desafios dos docentes é saber que existem muitos discentes que chegam às universidades despreparadas, com deficiências, mas não apenas deficiências mentais, intelectual, sensoriais e/ou física, e sim a deficiência de alfabetização. Tais alunos em alguns casos são resultado do desinteresse da família, que acredita que toda a formação do filho é de total responsabilidade da escola.

Pensando no docente que tem em sala um aluno com deficiência, que fará parte da inclusão educacional, existe uma necessidade de reinventar urgente a formação, para que os profissionais do ensino possam oferecer tempos e espaços que possibilitem o aprendizado significativo para esta demanda dos alunos deficientes que chegam à escola.

O desafio posto para as universidades é formar docentes que não apenas transmitam conhecimentos, mas, sobretudo, assumam novas atitudes frente à diversidade humana.

Atualmente exercer a docência é muito diferente do que era há tempos atrás, a sociedade e o mundo estão mudando numa velocidade muito rápida, a tecnologia tem proporcionado inúmeras inovações, principalmente nas relações interpessoais.

Estas inovações têm exigindo dos docentes a necessidade cada vez mais de capacitação humana e profissional, como ensinava Piaget, no processo de descoberta ativa por parte do aluno, o professor continuará a ser um animador indispensável.

O ofício do professor não pode mais ser visto como vocação, e sim como profissão que requer muito estudo, reflexão e uma prática realmente transformadora. No entanto, segundo Freire “[...] o importante é que a reflexão seja um instrumento dinamizador entre teoria e prática” (1996, p. 39).

A formação de professores para a inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais, não deve se restringir a torná-los conscientes das potencialidades dos alunos, mas também de suas próprias condições para desenvolver o processo de ensino inclusivo.

É importante buscar pesquisas, fazer reflexões para agir como sujeito capaz de transformar a realidade.

Os professores que têm um amplo conhecimento e técnicas para ensinar, mas que não têm capacitação para o manejo adequado da sala, muitas vezes ficam frustrados com os alunos, com o trabalho, alteram seus tons de voz, reclamam bastante, enfrentam um estresse intenso e usam muita punição (IVERSON, 1999).

As Instituições de Ensino Superior têm um papel importante nesse processo de inclusão, pois deve incentivar e subsidiar os docentes para que busquem uma formação cada vez mais ampla e de qualidade. Infelizmente esta não é uma prática desenvolvida em todas as Instituições de Ensino Superior.

Levando em consideração todas as exigências sejam elas teóricas e práticas, que são impostas aos docentes que atuam no nível superior, esses profissionais necessitam estar em processo de formação continuada para garantir uma atuação docente de qualidade.

Mantoan (2006) afirma que é necessário recuperar, urgentemente, a confiança dos professores em saberem lidar e desenvolver o processo de ensino aprendizagem com todos os alunos, sem exceções. Para isso, é oportuno possibilitar aos docentes a participação em cursos que discutam estratégias educacionais visando à participação ativa e consciente de todos os alunos no processo de ensino-aprendizagem.

É indispensável que, durante a sua formação, o docente compreenda primeiro como se transmite conhecimento, e que no processo de ensino aprendizagem, ao deparar-se com discentes com alguma limitação ou deficiência, não reproduzam discursos e ações que pré-determinem quem pode e quem não pode aprender.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aluno eficiente, assim é a maneira que todo docente deveria olhar para seus discentes. Afinal cada aluno, apresenta características próprias e cada um quando recebemos é como um presente, e neste

presente o pacote vem cheio de princípios e valores que os tornam únicos e especiais.

Mundialmente se fala muito em inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais, a legislação é explícita, quanto à obrigatoriedade os alunos, independente de suas necessidades. Por outro lado, é importante destacar que não é suficiente apenas esse acolhimento, mas que o aluno tenha efetivamente condições de aprendizagem e desenvolvimento de suas potencialidades.

Claro que ainda estamos longe de termos uma inclusão ideal, com todos os recursos necessários, mas o fato de da oportunidade, que na verdade é um direito do aluno, vivenciar e aprender juntos existe um ganho muito positivo com isso, apesar dos desafios encontrados, existe um aprendizado enorme para o docente, pois não precisamos mais separar cada um em uma “casinha”.

Por fim é importante ressaltar que é de responsabilidade da instituição de ensino garantir plenas condições de trabalho para os docentes, disponibilizando todo o material e tecnologia necessários para que ocorra a inclusão e o bom desempenho do profissional.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. S. F. Integração social do deficiente: análise conceitual e metodológica. *Temas em Psicologia*, v. 2, p. 63-70, 2002.

EMMEL, E.M. G; CASTRO, C.B. Barreiras arquitetônicas no campus universitário: o caso da UFSCAR. In: MARQUEZINI, M. C. et al.. (Org.). *Educação física, atividades lúdicas e acessibilidade de pessoas com necessidades especiais*. Londrina: Uel, 2003. p.177-183. (Coleção *Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial*. v.9).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IVERSON, A. M. Estratégias para o Manejo de uma sala de aula inclusiva. In: S.B. Stainback; W. Stainback. *Inclusão: um guia para educadores*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PESSOTI, I. (1984). *Deficiência mental: da superstição à ciência*. São Paulo: T. A. Queiroz.

MOUSSATCHÉ, A. H. (1997). *Diversidade e processo de integração*. Em M. T. E. Montoan (Org.), *A integração de pessoas com deficiência* (pp. 10-12) São Paulo: Memnon: SENAC.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. 8ª ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

SCHWARZ, Andrea, *Cotas: como vencer os desafios da contratação de pessoa com deficiência* São Paulo 2009.